

# Divergências entre o olho e o olhado

[Altair Martins]

---

Desencontram-se em mim  
os ângulos pelos quais  
me veem e me vejo.

Abrigo muitos estrangeiros  
na terra do rosto.

Acho que só fui inteiro  
na barriga da minha mãe.

Aqui minha vó me verá mais largo,  
algo de alho que emerge  
para além das projeções  
de casca e sonho.

Mas só eu sei que são os ombros:  
agora resignados, eles  
remam qualquer coisa sem remos  
sobre a água parada  
dos meios-dias.

Pois uma face minha lê o que  
a partir dela também leio  
no mesmo jornal vincado ao meio.  
Alhures os amigos bebem cerveja  
sob a sombra do meu nariz.  
Mais adiante não tenho orelhas  
mas sou todo ouvidos.  
Então meu rosto diverge do meu rosto,  
e não aceito o que resto.

Não domino também o meu passo  
se os pés não aparecem  
e os olhos que não me olham  
não adivinham passagens  
de ida ou volta.  
Estou perdido  
para um entregador de qualquer coisa.  
Procuro um pedaço ao menos  
de minha boca no chão:  
um pedaço que não acho,  
mas que um brigadiano encontrará  
e há de me devolver  
mesmo que eu não o reconheça.

BRITTO VELHO  
(Porto Alegre, 1946)  
**Pintura** — 1973  
esmalte sobre aglomerado  
Pinacoteca Aldo Locatelli  
doação do artista

# Sobre Fronteiras

[Altair Martins]

---

Entre o que não  
e o que respira na imagem,  
algo de identidade  
e movimento,  
ruína e permanência  
se estremaduram.

Exemplo:  
refugiado em seu quadrado,  
o pássaro branco não sabe  
quem lavava as lindes do horizonte  
ontem.

Ou:  
ao céu que a demarca  
a terra vermelha  
jamais revelará  
o tipo sanguíneo  
nem denunciar quem foi.

Mais ainda:  
as árvores que escapam  
da raia de quatro lados  
não são mais vivas  
se não mais têm folhas.  
São catequese da carne  
para a madeira que fica  
na iminência de poste,  
escada, soalho.

E já:  
a pedra, o muro,  
o farol pequeno feito homem que fuma,  
as grades de ferro e suas lanças  
estão na baliza-mestra entre  
a personagem (invisível)  
que mata ou sangra  
e o cenário onde tudo acontece.

Até:  
um Sol (se azul)  
se beira Lua (se cheia)  
no horizonte limítrofe,  
aquele horizonte lavado ontem  
por alguém que o pássaro  
(refugiado e branco)  
ainda não sabe,  
  
mas que é seu vizinho.

WALDENY ELIAS  
(Nova Bassano/RS, 1931  
— Porto Alegre, 2010)  
**Fronteira I** — 1968  
óleo sobre tela  
Pinacoteca Aldo Locatelli  
Salão Cidade de Porto Alegre  
— Prêmio Aquisição

# Maresia

[Altair Martins]

---

Com escadas de água e espuma,  
das ondas se eleva, salina,  
soprando uma praia de bruma  
entre becos, ruas e esquinas.

Com a salmoura do litoral,  
repintando o claro de escuro,  
assina abstrações de floral  
no musgo das paredes e muros.

De dentes de areia, mastiga  
as tintas antigas da casa.  
E descasca as carnes das vigas  
com quem ela mesma se casa.

Com os salsos soprões, encalha  
portões, algema os cadeados.  
Tatua com onças-pintadas  
a pele de lata dos carros.

De névoas de lama, esgarça  
as portas com as barbatanas.  
E nas janelas desmascara  
as pálpebras das venezianas.

De línguas-lâmina, navega  
labirintos de fechaduras,  
e emagrece pregos e verga  
os cotovelos das molduras.

Com os hálitos do vinagre,  
essa fome que tudo come  
jardina mofos e zinabres,  
arrotando fungos, bolores.

De celofanes de saliva,  
tudo cobre de bafo e pelos  
(dos para-brisas às cortinas),  
embaçando óculos, espelhos.

De invisíveis corais, especula  
os esqueletos dos concretos:  
contra o osso das estruturas,  
digere as treliças e os ferros.

Sempre em férias, (a maresia)  
é síndica pelo ano inteiro:  
se se inquilina de dia a dia,  
nos invernos faz veraneio.

ILDEU MOREIRA

(Belo Horizonte, 1920 — 1999)

**Marinha** – sem data

óleo sobre tela

Pinacoteca Ruben Berta

doação dos Diários Associados

# Voos

[Ana Luiza Rizzo]

---

Pensamento desgarrado  
Escapa das cores do sonho  
Sobrevoa o abismo noturno

Em asas de colibri  
Sobrepõe-se ao futuro, recobra o passado  
Mistura cruel de tempos

No amanhecer do novo dia  
Reconduz à matiz colorida  
Lembra aos acordados  
Há liberdade no instante

NILSON SEOANE

(Santos, 1930 — São Paulo, 1987)

**O colibri das híbridas** — 1974

óleo, nanquim e têmpera sobre tela

Pinacoteca Aldo Locatelli

# Sem título

[Ana Luiza Rizzo]

---

Os olhos pintam as formas

Antes dos tons

Pincelarem o aroma

Cedo ou tarde

A morte vem coagir lembranças

Atiçar a dor

Arrastar o que encontra pela frente

Na avalanche que mira o esquecimento

Os sabores se sobrepõem

Seguem vivos

Saltados da tela

ALICE BRUEGGEMANN  
(Porto Alegre, 1917 — 2001)

**Natureza morta** — 1958

óleo sobre tela

Pinacoteca Aldo Locatelli

# Amor platônico

[Carina Corá]

---

“Tá na hora.”

O padre e sua batina empoeirada  
Na igrejinha azul fundo de piscina  
Sino soando ao vento  
Labirinto de casas  
Janelas acesas pra rua

“Tá na hora!”

Corre nos paralelepípedos  
Posso ver seus dedos miúdos  
Cutucou a quina da pedra com  
O mindinho abandonado pelo pé  
Tamanha ânsia  
Pressa, isso sim  
De ver quem ele logo agarrou  
Pelas mãos suadas

“Tá na hora?”

Vendaval nos cabelos, brancura no linho do vestido  
Pássaros ao seu redor  
Como que encantadora de animais  
Não seria ele mais um?  
Seus pés são mais suaves e não se perdem no caminho  
Que ele goste de você  
Mais do que você gosta dele  
Conselhos de uma avó que se leva  
Até o sim do altar

A hora chega

Porque o tempo sempre passa  
Pra nos botar de frente com  
Um medo  
Uma angústia  
Um desejo  
Ou um amor platônico

ZORAVIA BETTIOL  
(Porto Alegre, 1935)

**Romance** — 1964

xilogravura

Pinacoteca Aldo Locatelli

# Fractal

[Carina Corá]

---

Retas em movimentos circulares  
Algumas transbordam  
O diâmetro  
Geram um novo cálculo para o raio  
Um problema matemático

As galáxias,  
as nuvens  
o sistema nervoso,  
as montanhas  
têm um denominador comum  
O ser humano apresenta esse  
apetite semiotizante  
Fractais submersos em tinta  
Preto, cinza e a brancura de um fundo  
Zeros e uns indo à loucura  
Em leituras cibernéticas

Esse círculo com linhas a perder de vista  
Representa alguma cura  
Formas geométricas  
Padrões  
Um estudo sobre crises climáticas  
Sobre rotas de meteoritos  
Sobre as células cancerígenas  
No meu seio

Talvez seja uma decodificação  
De isso e tanto mais  
Ou apenas uma artista  
Que se cansou  
E decidiu traçar retas e círculos  
Até doer os punhos

MARIA BONOMI  
(Itália, 1935)  
**Teclado Lettera 22** — 1966  
xilogravura  
Pinacoteca Ruben Berta  
doação Diários Associados

# Matéria escura

[Carina Corá]

---

Mesmo que fosse um dia de sol  
E não era  
Ele andaria escondido  
O capuz pesado  
Feito da matéria escura do universo

A cabeça pesava  
Como se o céu em nuvens  
Puxasse sua face para o chão batido  
por pés que não os seus

Imaginou-se esmagado  
Marionete de algum deus  
O rosto esmagado  
entre as nuvens e a lama

Seus olhos escuros  
Miravam tão longe  
Buscando um caminho  
Mesmo que sinuoso  
Para fugir de si

CARLOS ALBERTO PETRUCCI  
(Pelotas, 1919 — Porto Alegre, 2012)

**Menino com capuz** — sem data  
óleo sobre tela  
Pinacoteca Aldo Locatelli



# Dois gatos no espelho

[Ethienne Fogaça]

---

Dois gatos que se olham no espelho.  
Tons de azul e verde,  
por trás da sua retina.  
Olhos fotossensíveis.  
E pupila retrátil.  
Por um instante, a visão  
deles que não temos.

Dois gatos que se olham no espelho.  
Seus pelos subindo e descendo,  
controlados pelos pulmões.  
Órgão invisível.  
Seus músculos pulsam,  
e seu fígado tem gosto azedo.  
O coração lidera todos  
com cheiro de carniça.  
E, por fim, viscoso,  
vem o cérebro terroso.

Um deles se deita,  
admirando essa parte de si que  
ainda não tinha conhecido.

Dois gatos que se olham no espelho.  
Se um deles morresse,  
seus órgãos expostos e imperfeitos,  
que tom de cinza ele enxergaria  
através do vermelho?

EMANOEL ARAÚJO

(Santo Amaro/BA, 1940 — Bela Vista/SP, 2022)

**Os Gatos** — 1965

xilogravura

Pinacoteca Ruben Berta

doação Diários Associados

# Os camelos negros

[Fernando Mantelli]

---

Desde o tempo mais remoto,  
os camelos negros sempre foram  
da humanidade as melhores companhias.

Eles bebem água fresca no poço,  
passeiam sob o luar da noite de verão.  
Testemunhas mudas de um amor,  
que nasce tão fundo e tão alto,  
que nunca, nunca vai morrer.

ZORAVIA BETTIOL  
(Porto Alegre, 1935)

**O Casamento de Rebeca e Isaac** — 1966

xilogravura

Pinacoteca Aldo Locatelli

# Mother

[Fernando Mantelli]

---

Mother, you had me  
But I never had you  
I wanted you  
You didn't want me  
Oh, I gotta tell you  
Goodbye  
Goodbye  
Mama, don't go  
Mother, do you think they drop the bomb  
Mother, do you think they like the song  
Mother, do you think they try to break my balls?  
Ooh  
Mother  
Tell your children not to walk my way  
Tell your children not to hear my words  
What they mean, what they say,  
Mother  
Just killed a man  
Put a gun against his head, pulled the trigger,  
now he's dead  
Mama, life had just begun  
But now I've gone and thrown it all away  
Mama, ooh, I don't wanna die  
I sometimes wish I'd never been born at all

DI CAVALCANTI  
(Rio de Janeiro, 1897 — 1976)

**Mãe** — sem data

guache sobre papel

Pinacoteca Ruben Berta

doação Diários Associados

# O rosto

[Guilherme de Azambuja Castro]

---

Numa esquina de minha rua,  
lá longe na infância,  
ainda mora a mulher que nunca vi,  
em sua casa amuralhada,  
quase um castelo.  
Sonho-a num sofá muito cômodo,  
possivelmente camurça,  
mais cômodo que o da minha velha casa,  
onde eu e meu pai assistíamos ao noticiário  
numa TV Semp Toshiba em 1990,  
e é mesmo linda a mulher —  
nessa imagem.

Fora dela não sei, nunca a vi.  
Agora me nota à janela que não existia:  
ê, menino abusado —  
vira o rosto.

Mas posso ter captado alguma coisa,  
sim, a beleza que até hoje era só palavra,  
nome próprio:

Linda.  
(Com o que sonhará quando eu durmo?)  
Sinto que estou entendendo, amor é isso. Mistério.  
Caligrafia. A dor da palavra sulcando o  
papel vinte e sete anos depois. Se uma olhadela relâmpago  
da mulher foi capaz de uma coisa  
dessas em mim —  
sim, estou.

Nessa hora de entendimento meu pai me pega da mão e  
leva-me embora.

No caminho,  
cita uma frase de Jacques Demy,  
cineasta francês morto naquele dia:  
*Querer ser feliz já é ser feliz.*

JOHN JOHNSTONE

(Escócia, 1941)

**Travesseiro vermelho** — sem data

óleo sobre tela

Pinacoteca Ruben Berta

doação Diários Associados

# Promessa

[Guilherme de Azambuja Castro]

---

Amor, traço fugidio,  
fingida promessa alcoólica  
de um voo em chamas.

Mas se nem ícaros somos,  
nem nada muito mitológico,  
como cair assim, nessa queda  
e cá estarmos  
moedas de ouro azul.

No azul saltitamos  
felizes  
ou infelizes, vai saber.  
Na terra somos o amor e semente e a tinta  
cor também faminta  
a mesma que nos faz  
nos ajoelha  
e dolore.

Por fim revela:  
um seio: todo escondido  
e outro,  
quase a se esconder.

GLÊNIO BIANCHETTI

(Bagé, 1928 — Brasília, 2014)

**Duas figuras em fundo azul** — 2006

acrílica sobre tela colada em aglomerado

Pinacoteca Aldo Locatelli

doação do artista

# O tiro

[Guilherme de Azambuja Castro]

---

Ele o reconhece quando chega — o bar.  
E na mesa de bilhar,  
ali meio às escondidas,  
a bola branca posicionada para a jogada seguinte —

não fosse o tiro.

Agora meu pai levanta o taco do chão,  
sangue escorre da madeira —  
e ele diz

Me ajuda a lembrar?

Vejo-o aqui de baixo. Ele pisa,  
os pés de fantasma,  
o sangue novo sobre o antigo.

Oferece-me o taco e apanho-o,  
as mãos de criança,  
sem memória —  
e ele diz

Vamos mexer um pouco as coisas por aqui.

Ficamos ouvindo o tic-tac sobre a mesa,  
os encontros, os desencontros,  
também os fracassos ditos *para sempre*.

Lembro: depois ele foi embora,  
feito um animal,  
esses que de repente adentram a nossa casa.

HENRIQUE LEO FUHRO  
(Rio Grande, 1938 — Porto Alegre, 2006)

**Recordista** — 1967

xilogravura

Pinacoteca Aldo Locatelli

# Ave

[Lê Mayer]

---

ousada simetria  
espia  
ainda que esguia  
do olho  
inculto  
perfura o vazio

brancas rosas  
carregam as penas  
com peso velado  
que cruza  
o acaso

e o vento  
que invento  
palavra  
voa  
ave  
à toa

CONCEIÇÃO PILO  
(Belo Horizonte, 1921 — 2011)  
**Ave** — 1964  
litografia  
Pinacoteca Ruben Berta  
doação Diários Associados

# Natureza-morta

[Lê Mayer]

---

ao se aproximar da mesa  
desejava, em seu íntimo,  
algo sem nome

foi a primeira vez que reparou  
na textura da comida  
no silêncio dos detalhes

o caminho  
que da mesa escorria  
em vermelha tinta  
trazia um conselho

pensava que o medo  
se escondia no espelho  
e esquecia de ver  
o segredo feliz  
que deixava vivo  
o carregador de histórias

ANTÔNIO GUTIERREZ

(Maçarambá/RS, 1934

— Porto Alegre, 2004)

**Natureza-morta** — 1967

óleo sobre aglomerado

Pinacoteca Aldo Locatelli

3o Salão Cidade de Porto Alegre

Prêmio aquisição



# Woman with a blue mac

[Lê Mayer]

---

chegou o dia em que a mulher  
cadeou a última grade  
certa de abandonar  
borradas memórias

suas mãos encontraram  
plástico descanso  
seus lábios acomodaram  
tímido sorriso  
e seus passos pousaram  
em firmes sapatos

ninguém teve coragem de perguntar  
*o que foi que aconteceu?*  
mas alguém ousou responder:  
*quando uma mulher azul  
deixa uma casa  
ela leva consigo  
toda a cor do céu*

NEVILLE KING

**Woman with a blue mac** — sem data

óleo sobre tela

Pinacoteca Ruben Berta

doação Diários Associados

# Duplo

[Lucia Marques]

---

Olho para a imagem, me reconheço:  
uma só, ambivalente:  
as duas naus ao mesmo tempo.  
Lacunas da memória postas em mapa  
transformam-se em oceano legível.  
Oceano em tormenta ou calma,  
não sei mais, esqueci-me do mar.  
Um não-lugar, eu caravela anacrônica,  
cada vez que me leio, perde-se mais o sentido.  
Não consigo lembrar mais do sentir,  
me guiar pelos mapas que acumulei.  
A noite é escura, o mar é imenso, a água é salgada.  
Tormento, tempestade, dias de sol, calma.  
Minúscula, insignificante, habitando apenas o instante.  
Do tanto que penso para entender o que pensei,  
concluo, sem nada por dentro,  
saber que naveguei não faz com que eu saiba navegar.

MARILICE CORONA

(Porto Alegre, 1964)

**Sem título** — 2000

acrílica sobre tela

Pinacoteca Aldo Locatelli

Projeto Navegar — doação da artista

# Nosferatu

[Jéssica de Souza Barbosa]

---

no púlpito, a pupila branca rege  
do alto as traqueias da orquestra de tiros  
os hinos de um maestro adestrador  
dos gritos sussurrados pelo lago

tudo aquilo que a marcha silencia  
para poder cozinhar ao lado  
entre as cinzas de um jardim de cera  
e o casaco de pele usurpado

o ruído risca em grafite a sombra  
e o maestro conduz a cinética  
das novas arenas, o urro do touro  
o olho da nova lâmpada

no lago, a boca do monstro  
prenuncia dentes mais afiados  
o corpo carcaça do maestro tem  
nas mãos nossos braços como pinças

quem escuta o coro abafado?  
a ferocidade da voz à vácuo?  
quem vê o eco?

FERNANDO ODRIOZOLA  
(Espanha, 1921 — São Paulo, 1986)

**Composição** — sem data

óleo sobre madeira

Pinacoteca Ruben Berta

doação Diários Associados

# Humano bestiário

[Jéssica de Souza Barbosa]

---

Pôr os pés entre dois abismos  
fugir do vento

norte

que explode  
no primeiro lança-chamas.

O anjo da história cede à angústia  
concebe pernas elásticas como mulher  
circense, mulher borracha. Uma contorcionista  
na fronteira entre um estado  
e outro. Olhar o mundo pela ótica

da falta de contraste, inverter as posições  
entre as cores das rosas murchas. O anjo  
é metamorfose de bicho humano, humano bicho  
anjo, humano pássaro.

Ou é Ícaro

que percebe a gravidade e permanece em terra.  
O abismo solidifica o espaço entre as rochas,  
onde os homens se olham frente a frente  
com olhos de chumbo.

Esse anjo mulher,  
criança, se suspende no espaço,  
no fosso. Se alarga  
para vencer o torpe tiro vindo de outro  
lado, de um dos lados.

Linhas sinuosas nesse corpo híbrido,  
feito para vencer as têmeoras dos vencedores.  
Armar crateras onde as bombas não tocam.  
Limpar o sangue que não devia estar ali.  
Os pés de ave puxam as montanhas,  
a virilha do anjo se alarga e os espíritos dos  
mortos estampados em suas asas cantam para  
alçar voo.

Uma garça enviada pela terra.  
para impedir que os soldados se atirem  
de alturas ainda não calculadas.

O anjo quer voar, mas está preso ao solo,  
une-se exausto às esteiras de areia,  
impede que o nada se instale,  
num soco desejo de sede.

Ícaro cede ao impulso e deixa as asas se sentarem  
no vão da escada. Aspira o ar radioativo,  
sopra para que os ventos não sejam favoráveis  
às embarcações, sopra para que Efigênia fuja  
para o deserto, encontre Lilith em seu seio  
de ameixa.

O oceano suspenso. O choque por um fio,  
as pernas do anjo da história, as garras do anjo da história  
elásticas sustentam o dançarino platô.

VAGNER DOTTO

(Caçapava do Sul, 1945 — Santa Maria,  
1994)

**O ato nas asas da vida** — 1973

bico de pena sobre papel

Pinacoteca Aldo Locatelli

doação do artista

# Um de todos

[Juliane Vicente]

---

Sem interior  
os espectros se replicam  
multiplicam  
amplificam

uma apodrece na dor  
do estranho sentir sem ser  
noutra consterna o amor  
da boca esgarçada não dará de comer

Um  
de  
todos  
Coletivo  
de  
nós

Mais verdadeira que a própria face  
é a máscara do teu disfarce  
na boca do teu algoz

MARIA LÍDIA MAGLIANI  
(Pelotas, 1946 — Rio de Janeiro, 2012)  
**Um de todos** — 2003  
óleo sobre tela colada sobre papelão  
Pinacoteca Aldo Locatelli  
doação da artista

# Santo Guerreiro

[Juliane Vicente]

---

eis a questão  
se digo o falado  
de minha própria maneira  
me calo

Ícone pop  
mito eternizado  
revela sua força  
no guerreiro remasterizado

tais cores vibram a ausência de melanina  
aprendi que São Jorge é Ogum desde pequenina  
não me ensinaram na escola a palavra comprida do  
sincretismo  
na corda bamba virei gente grande à beira de um abismo

são jorge é Ogum?  
Ogum é são jorge?

da liberdade comprada no sangue de quem veio antes de nós  
posso ver o santo desenhado na verdade atroz

espada em punho  
pronto para enfrentar qualquer batalha  
não se aproxime  
a lâmina nunca falha

J. ALTAIR  
(Porto Alegre, 1934 — 2013)  
**Santo Guerreiro** — 1970  
óleo sobre tela  
Pinacoteca Aldo Locatelli  
doação do artista

# Da ponte pra lá

[Juliane Vicente]

---

Andava a procurar uma rua  
quando me deparei com a ponte

o esboço de tanta gente que ali não estava  
me fez seguir em frente  
dezenas, talvez centenas de homens e mulheres

não é de hoje que vejo gente que aqui não está

aos olhos de outros  
um belo jardim com galhos a farfalhar  
tudo perfeitamente perfeito  
quadrado e colocado em seu devido lugar

antes de ver, ouvi  
risadas que o tempo desfaz  
sussurros de outrora  
histórias deixadas para trás

as vozes gritavam e choravam  
na sorte deste lugar outras gargalhavam

me aproximei  
o Sol não tinha ido, nem vindo  
mas havia uma luz  
um aspiral se imiscuindo

em busca do lado de lá  
caminhei arrastando as chinelas  
dedos úmidos de um líquido vermelho  
nas pedras do ontem das caravelas

vi uma placa com a data de inauguração  
registro de memórias amargas  
uma ponte importante para a circulação  
de pessoas e cargas

senti a vibração de um povo de lança e virtude  
a me tornar da ponte guardiã  
gente que um dia sonhou que a semente plantada  
seria o amanhã

foi assim, com destino incerto  
do lado de cá às margens da poesia  
nesta ponte de caminho aberto  
que eu fiz a  
travessia

J. ALTAIR  
(Porto Alegre, 1934 — 2013)

**Ponte de Pedra** — 1970

óleo sobre tela

Pinacoteca Aldo Locatelli

doação do artista

# Uma cidadezinha (ou todas elas)

[Maristela Scheuer Deves]

---

Só quem mora  
Numa cidadezinha sabe  
Que a calma da paisagem  
É pura aparência.

Do alto do campanário  
Até onde a vista alcança  
Vivem e sonham mil criaturas  
— mas nem todo sonho é bom.

Atrás das paredes  
Dormem paixões e segredos  
(Que às vezes escapam  
e correm de boca em boca).

Vizinhas trocam  
Xícaras de farinha  
E as últimas fofocas  
Para animar a rotina.

Vizinhos brigam  
Por causa da cerca  
Ou de centímetros de terreno  
E nunca mais se falam.

A noite desce, e a lua  
Sobe no céu da cidadezinha  
Um som interrompe os sonos  
Gatos no momento do amor.

WILDE LACERDA  
(Belo Horizonte, 1929 — 1996)  
**Sabará** — 1963  
óleo sobre tela  
Pinacoteca Ruben Berta  
doação Diários Associados



# Tentativas

[Maristela Scheuer Deves]

---

As escritas abandonadas  
ao longo dos anos  
ao longo das páginas  
ao longo dos arquivos de word

Me perseguem  
mas não me alcançam  
(ou eu não as alcanço)

E ficam, qual fantasmas  
assombrando meus sonhos  
cobrando atenção  
finalização  
cobrando que eu escreva

Eu prometo disciplina,  
constância  
palavras

Mas logo me apaixono  
por outra escrita  
por outra história

E a pilha de abandonos  
só cresce  
um dia, quem sabe  
os fantasmas tenham permissão de partir.

EVANDRO CARLOS JARDIM

(São Paulo, 1935)

**Sem título** — sem data

Litho-set

Pinacoteca Aldo Locatelli

doação Anistia Internacional

# Memórias

[Maristela Scheuer Deves]

---

Não é só uma casa  
tijolos, madeiras atravessadas  
São lembranças:  
a sala enorme,  
as fotografias na parede,  
o sótão,  
o relógio de pêndulo,  
o fogão aceso aquecendo a cozinha.

Não é só uma casa:  
são as brincadeiras com os primos,  
o passar o anel,  
o rei e rainha,  
as bolinhas de cinamomo,  
as pernas de pau,  
as amoras comidas no telhado.

Não é só uma casa,  
é o avô falando alemão,  
as tias misturando idiomas,  
o jogo de cartas dos homens,  
a conversa animada das mulheres  
à sombra das camélias em flor.

Não é só uma casa!  
São os sabores da avó:  
os biscoitos recém-assados,  
os pães-de-ló,  
as balas Banzé de ananás  
(e às vezes de canela ou menta).

Não é só uma casa;  
são memórias da infância  
com seus cheiros  
seus barulhos  
seus risos  
suas pessoas que já se foram.

DORA CERRUTI

**Casa** — 1967

Litografia

Pinacoteca Ruben Berta

doação Diários Associados

# Infestação

[Raquel Soares]

---

As manchas,  
pretas e cinzas,  
cresceram do peito  
e se espalharam para o ombro,  
o braço, a mão,  
engolindo pele e ossos.  
Cheiro podre, sujo.  
Carne queimada.  
No começo, a dor era um grito.  
Lágrimas escorrendo.  
E então, não tinha mais nada.  
Vazio.  
Silêncio.  
Levou horas,  
longas e arrastadas,  
cobrindo o tronco e pernas.  
Subiu pelo pescoço,  
orelhas e cabeça.  
Os cabelos, antes castanhos e volumosos,  
caíram fio por fio.  
Da boca, coberta pelas células mortas,  
escapou um suspiro.  
E dos olhos,  
gotas de sangue em pupilas brancas.

FERNANDO DUVAL

(Pelotas, 1937)

**Estudo em preto e branco** — 1966

óleo sobre aglomerado

Pinacoteca Ruben Berta

doação Diários Associados

# Evolução

[Raquel Soares]

---

Do outro lado da areia amarela,  
há o grito das aves.  
Penas azuis e laranjas entre escamas,  
quatro asas,  
quatro patas.  
Seus pescoços curtos, que mal alcançam os galhos,  
mas garras afiadas que arrancam do chão  
tufos e formigas.  
Elas se arrastam para longe,  
fugindo dos dragões  
que destroem tudo pelo caminho.  
Duas cabeças, personalidades diferentes.  
Uma sobe, outra desce.  
Em busca de comida, água,  
qualquer coisa que as sacie.  
A floresta,  
quente, seca,  
brilha com a luz do sol nas folhas,  
nos troncos e raízes.  
Um caleidoscópio em chamas.  
Quem pensou que aqui poderia haver vida?  
Quem pensou que era provável  
algo além da dor que cresce nessa terra de fogo?  
Mas a natureza,  
com pura teimosia,  
faz caminho em lugares impossíveis.

RUBENS MARTINS ALBUQUERQUE

(Fortaleza, 1951)

**Floresta pré-histórica** — 1966

óleo sobre papel

Pinacoteca Ruben Berta

doação Diários Associados

# As comadres

[Rodrigo Martins Bittencourt]

---

Serão minhas tranças de aranha, comadre,  
que te fazem me olhar assim,  
ou será este cacho de chifres,  
brotando em mim como um demo  
de dentro dos meus cabelos?

Parece que esqueces:  
te olhas a ti  
e essas tuas rugas aos outros  
são tão repulsivas quanto o meu aleijão;  
parece que esqueces:  
nascemos nuas,  
gritando, cheias de fendas,  
e era fado,  
desde sempre,  
o modo mesquinho em que nós definhamos.

Ah, minha cara,  
tu compraste ouro, quilates,  
e te devolveram tomates.  
Mas foi no púlpito desta mesma vida  
(tu a chamaste de suja e ingrata  
sem veres: era a ti que xingavas):  
nela deixaste tuas rendas e saias,  
bem como as coisas mais frias e plásticas  
com que fizeste tuas memórias maldosas.

Tu me olhas assim tão torta,  
mas onde é que encontras limite entre nós?  
Sumimos juntas  
e temos sorte:  
trazemos nada a este último segundo  
senão lembranças do que nos foi roubado.

IAZID THAME

(Rio de Janeiro, 1931)

**As comadres** — 1968

serigrafia

Pinacoteca Aldo Locatelli

doação do artista

[Rodrigo Martins Bittencourt]

---

entra no vórtice de língua azul  
umbral de onde minha sombra olha.  
descarrega meus traços  
num abraço aberto  
e corre  
até a janela.  
não vejo por ela  
é tudo baço  
mas mesmo bonecos de sombra e contraste  
hoje têm cores  
em pleno naufrágio:  
uma língua de folhas  
velas de penas soltas.

MARIA HELENA ANDRÉS  
(Belo Horizonte, 1922)  
**Estudo** — 1965  
pastel seco sobre papel  
Pinacoteca Ruben Berta  
doação Diários Associados

# Voo rubro dos deuses

[Rodrigo Martins Bittencourt]

---

que objeto de veneração arcaica  
artefato ciclópico  
teria olho no lugar das portas  
sol vermelho no vácuo da noite?

entra, parece dizer  
entra à luz desse novo astro  
em nuvens agudas  
pelos pálidos na origem do mundo  
esse vazio tem patas  
e afasta o solo da grama  
antes de flutuar de volta  
rumo ao norte que o reclama de súbito

tudo treme na loucura do rugido  
não tem som no teu pequeno corpo  
olimpico feérico devastando a terra  
não tem mais norte sobre a nossa esfera

JENNY GARLAND

**Sol da meia-noite** — sem data

batique e pintura sobre tecido

Pinacoteca Ruben Berta

doação Diários Associados

## Autorias

ALTAIR MARTINS (Porto Alegre, 1975). Bacharel em Letras, mestre e doutor em Literatura Brasileira (UFRGS). Professor da Escola de Humanidades da PUCRS (Letras e Escrita Criativa), atuando no Programa de Pós-graduação. Coordena o grupo de pesquisa *Intersemioses criativas* (PPGL-PUCRS). Os poemas de *A paisagem presa na coleira* (2023) são sua mais recente publicação.

ANA LUIZA RIZZO (Caxias do Sul, 1964). Psicóloga e escritora, mestra e doutoranda em Escrita Criativa pela PUCRS. É autora do romance *Sete Erros*, publicado em 2022, pela Editora GOG/Bestiário.

CARINA CORÁ (Caxias do Sul, 1993). Bacharel e mestre em Artes Cênicas (UFRGS). Bolsista CNPq de doutorado em Letras, Escrita Criativa (PUCRS). Publicou a novela *Memórias Fictícias* (Novo Século, 2013), as peças *Lobo de óculos: trilogia onírica* (EDIPUCRS, 2018) e *Re-sonhar* (*Liberdade*, Concha Editora, 2023 — Prêmio Açorianos e Prêmio AGES de Literatura). Faz parte do coletivo *As Dramaturgas* desde 2018.

ETHIENNE FOGAÇA (Porto Alegre, 2002). Graduada e mestranda em Escrita Criativa (PUCRS). Escritora e pesquisadora, dedica-se aos estudos da cultura e da literatura japonesa, em especial dos haicais, dos mangás e das formas ficcionais contemporâneas.

FERNANDO MANTELLI (Porto Alegre, 1964). Escritor, cineasta, especialista em Cinema e doutorando em Escrita Criativa (PUCRS). Foi professor de roteiro e direção por 14 anos no Curso de Realização Audiovisual da Unisinos. Realizou mais de 20 filmes como diretor e roteirista entre curtas, médias e longas-metragens para televisão e cinema. Tem três livros publicados, além de participação em diversas coletâneas.

GUILHERME AZAMBUJA CASTRO (Santa Vitória do Palmar/RS, 1979). Escritor e doutor em Letras/Escrita Criativa (PUCRS). Autor de *O amor que não sentimos e outros contos* (Prêmio CEPE de Literatura, categoria Contos, 2015) e *Topografias da solidão* (2022). Contato: [guilhermeazambujacastro@gmail.com](mailto:guilhermeazambujacastro@gmail.com)

LÊ MAYER (Cunha Porã/SC, 1983). Autora dos livros *quero aprender a me sonhar bonito* (2023) e *o que cabe nas palavras* (2023). Graduada e mestranda em Escrita Criativa (PUCRS), ministra oficinas recorrentes de escrita.

LUCIA MARQUES (Porto Alegre, 1993). Entre o texto e a imagem, prática e teoria, é artista visual, mestra (FCSH — Universidade Nova de Lisboa, 2023), bacharela em História da Arte (UFRGS) e licencianda em Letras (PUCRS). Como artista e pesquisadora, opera com noções de arquivo ao refletir sobre o reemprego e a articulação de imagens, fragmentos textuais e objetos recolhidos em caminhadas.

JÉSSICA DE SOUZA BARBOSA (Camaquã/RS, 1991). Artista que transita entre os campos da escrita, direção, atuação e arte visual. Como bolsista do CNPq, cursa o doutorado em Letras/Escrita Criativa (PUCRS), onde também obteve seu mestrado. Possui bacharelado em Jornalismo (PUCRS) e em Teatro (UFRGS).

JULIANE VICENTE (Porto Alegre, 1993). Filha de Oyá e neta de Luiza. Africanista. Multiartista. Escritora, *slammer*, *performer*. Faz parte do Ylê de Oxum e Ossanha — Quilombo Família de Ouro. Bailarina do grupo Andanças, da Cia La Negra, do Afro-Sul Odomodê e do grupo Nossas Origens.

MARISTELA SCHEUER DEVES (Pirapó/RS, 1975). Escritora, mestre e doutoranda em Letras/Escrita Criativa (PUCRS). Tem livros voltados especialmente ao público infantil e infanto-juvenil. Finalista do Prêmio Academia Rio-Grandense de Letras 2020, na categoria Literatura para a Infância. Atualmente dedica-se à literatura policial.

RAQUEL SOARES (Porto Alegre, 1999). Escritora e revisora, autora de *Praia das Conchas* (2020), *Os corredores que me levaram até você* (2022) e *O que a cidade não conta* (2023). Graduada e mestre em Escrita Criativa (PUCRS). Atualmente é doutoranda em Letras/Escrita Criativa (PUCRS).

RODRIGO BITTENCOURT (Porto Alegre, 1993). Graduado em Escrita Criativa e mestrando em Letras/Escrita Criativa (PUCRS). Além de poesia, escreve contos e narrativas longas. Atualmente pesquisa tradução e processos criativos.



### **Grupo de pesquisa *Intersemioses criativas* (PUCRS)**

Num mundo em que as fronteiras entre sistemas sógnicos parecem cada vez mais diluídas, a Escrita Criativa se coloca num lugar privilegiado que recolhe, da profusão comunicativa da pós-modernidade, elementos para a imbricação não só literária, mas também artística. O grupo de pesquisa parte justamente dessas relações — chamadas de *intersemioses* —, objetivando o jogo especulativo que incita à criação. Nesse sentido, investigam-se e promovem-se processos criativos a partir de provocações: escrita e imagem (fotografia, escultura, pintura, instalações e outros meios), escrita e sonoridades (música, artes sonoras), escrita e movimento (cinema, quadrinhos, outras dinâmicas), escrita e outras mídias, escrita e temas “não literários” (escrita e esporte, escrita e ciência). Para esta exposição, foram trabalhadas, durante 4 meses, 31 obras livremente escolhidas dos acervos das Pinacotecas Ruben Berta e Aldo Locatelli.

Prof. Dr. Altair Martins